



INSTITUTO
VOX

DE PESQUISA EM
PSICANÁLISE
MULHERES | POLITICA | PSICOSE

O desejo do psicanalista: uma operação de sedução

www.voxinstituto.com.br

O desejo do psicanalista: uma operação de sedução

Laerte de Paula

Qual seria a pertinência de articular a ideia de sedução à de transferência e de desejo do analista? A partir de elementos recolhidos da leitura e discussão em torno do Seminário VIII, de Lacan, é o caso de propor aqui um exercício para nos aproximarmos dessa via e avaliar sua dignidade.

Esta aproximação se justifica a partir dos desenvolvimentos de Lacan em torno dos fenômenos relativos a Eros e seu esforço de formalização do tipo de operação que o analista conduz. Minha aposta é que esta leitura pode ser melhor refinada à luz da noção de sedução.

Assim, convém introduzir algumas coordenadas para uma fundamentação deste termo. Em especial, porque existem inúmeros pontos de intersecção com aspectos centrais de um percurso analítico. Para tornar essa relação mais evidente, comecemos por enquadrar melhor a ideia de sedução e desambiguá-la de uma certa degradação histórica.

Origens da sedução

Ainda que o termo tenha sofrido imensos deslizamentos ao longo dos vinte e um séculos de sua história, adquirindo no contemporâneo um estatuto tão caricato quanto sintomático, em seu esteio etimológico, a sedução abriga acepções distintas que interessariam à prática do psicanalista: desvio, separação, transporte. Consta em Ovídio, em Sêneca, em Cícero, por exemplo.

A partir do declínio do Império Romano e da ascensão do cristianismo, com os chamados filósofos moralistas, Santo Agostinho, Tertuliano e Clemente de Alexandria, a sedução passa a se tornar sinônimo de corrupção e enganação, de ruína moral e econômica em benefício de prazeres ilusórios e passageiros, de instrumento do diabo para afastar os homens do caminho da virtude e da comunhão com Deus. Desde então, a sedução jamais perdeu seu contorno pejorativo e parte desta significação perdura até hoje.

DE PAULA, Laerte. O desejo do psicanalista: uma operação de sedução. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação Oral nas Jornadas do Instituto VOX, sobre o Seminário 8 de Lacan – 8-21/março/2022.

Até aqui está proposto um primeiro contorno: a sedução produz um movimento que retira um sujeito de um lugar e o conduz a outro. Sedutora seria aquela figura capaz de inspirar ou induzir este movimento¹. Mas não apenas isso.

Cabe agora desdobrar em qual terreno esse efeito opera e me parece que a psicanálise é um dos campos mais fecundos para trazer esta leitura, já que, na proposta em questão, a separação, o desvio, o transporte haverão de ser pensados como efeitos que se dão na linguagem, incidindo na posição que um falante ocupa em um discurso.

Os mitos antigos são ricos em cenas que respaldam esta leitura: tomemos as sereias e a navegação de Ulisses, a troca ocorrida entre Eva e a serpente ou ainda o encontro entre Sócrates e Alcibiades. São todos acontecimentos produzidos via discurso. Mais ainda: neles, o sujeito seduzido se depara, necessariamente, com um saber em outro lugar, saber que lhe falta, do qual está apartado.

No exemplo das sereias, ainda que tenham ficado mais célebres pelo seu canto que por sua mensagem, este ponto merece destaque. Afinal, nos lembra Ovídio, as sereias eram douradas. Sentadas em um prado florido em uma ilha perto da Sicília, ofereceram ao grupo de Ulisses um saber sobre a guerra e o sofrimento humano:

Vem cá, Odisseu..., grande glória dos aqueus, ancora tua nau para ouvires nossa voz. Nunca ninguém passou por aqui ... sem antes ouvir a melíflua voz que vem de nossa boca; mas ele se deleita e parte com mais saber. Sabemos tudo que, na extensa Troia, aguentaram argivos e troianos por obra dos deuses (p. 355).

Escutemos: as sereias não apenas declaram deter um saber que interessaria a Ulisses, como também asseguram que seu acesso produzirá deleite. Já no caso da serpente, esta prometia a Eva o acesso ao saber de Deus caso comesse da maçã proibida:

Certamente não morrereis; porque Deus sabe que no dia em que comerdes do fruto, abrir-se-ão vossos olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. Viu... a mulher que a árvore era boa para comer, que era uma delícia para os olhos... desejável para dar entendimento; tomou do fruto e comeu.

¹ Algumas línguas guardam em seu bojo esta conexão entre a sedução e o papel daquele que a agencia. No latim: seducere: se o verbo ducere diz da condução, Mussolini, por exemplo, autoproclamava-se Il duce, o líder que conduziria a nação italiana. Na Roma Antiga, os imperadores, cônsules e comandantes das tropas eram chamados de Dux. No alemão encontramos a mesma similaridade: enquanto verführung corresponde à palavra sedução, führer é a palavra que nomeia o líder. Em holandês, verleiding e leider. Temos ainda o lema que ilustra o brasão paulistano “Non ducor, duco” (não sou conduzido, conduzo).

Ou seja: foi para poder saber aquilo que Deus sabia (e ela não), que Eva transgrediu a interdição colocada em torno do fruto.

No caso de Alcibíades, como descrito no Banquete, é destacado o efeito produzido pelo discurso socrático, na medida em que, comparado ao flautista Mársias, Sócrates “dele difere apenas em produzir aquele mesmo efeito, sem instrumentos acompanhando suas palavras”. Dar ouvidos a Sócrates pode produzir efeitos irresistíveis, pois este força Alcibíades a “reconhecer tantas coisas que lhe faltam” (p. 89). Alcibíades chega a usar uma feliz metáfora para apontar a sedução em jogo: o discurso socrático produz “transportes báquicos” (p. 169). Ele faz a equação que nos serve: reconhecer um saber que nos falta nos induz ao movimento de tentar (re-)haver este pedaço.

Daí a escansão necessária a partir dessa ideia. É que, para produzir um movimento, é preciso que a sedução produza antes um corte. Ela retira, separa, desvia o falante de um lugar na medida em que outros lugares podem se insinuar (e se ficcionar) como ofertas de saber-colagem. É daí que o movimento sedutor deriva, enlaçando-se a uma promessa em torno da qual um novo saber viria obturar a fratura aberta. E a qualidade deste lugar haverá de ser pensada como detendo relação com o desejo e a identidade, e o que toda identidade tem de impossível.

Vale ainda retirar a sedução de uma confusão à qual é costumeiramente associada. É que a sedução não é sinônimo de colagem. Esta pode operar como resposta a uma sedução, mas, como me esforço para circunscrever, a sedução tem outra conotação. Para o efeito de cola com o qual é normalmente confundida, podemos nos servir de duas outras palavras: fascinação e sideração, cada uma com origens e contextos distintos.

A fascinação refere-se ao efeito petrificante de colagem entre um olhar e uma imagem. Do latim Fascinatio era esse o nome dado à relação que se estabelecia entre o membro masculino ereto e o olhar que o surpreendia nesta contratura. O fascinus era utilizado como remédio contra a inveja e em rituais para assegurar boa colheita. De todo modo, destaca-se aí a relação de encaixe entre um objeto e um olhar, e a decorrente força de atração em jogo.

Já siderar, na acepção moderna, corresponde a deixar sem ação, paralisar, marcando o estupor profundo vivido a partir de uma situação que impede o pensamento e a palavra. Sidus é plural de estrela e nomeia a constelação que preside o fim do inverno. Segundo a astrologia antiga, indicava a prática dos sacerdotes para predizer o futuro: sideratus diz aquele “tocado, atingido por um astro” (p. 623).

DE PAULA, Laerte. O desejo do psicanalista: uma operação de sedução. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação Oral nas Jornadas do Instituto VOX, sobre o Seminário 8 de Lacan – 8-21/março/2022.

A partir daí, con-siderar corresponde ao gesto de examinar os astros em busca das referências que orientam a vida dos homens, ler as figuras que os astros compõem.

Siderar e fascinar indicam efeitos distintos, e me parece no mínimo inquietante que sejam pouco objeto de aprofundamento em nosso campo. Um dos poucos a propor alguma articulação com a psicanálise foi Didier-Weill, que localiza a sideração como fato de estrutura e como tempo lógico necessário, anterior ao tempo da palavra. Na sideração, “nada compreendemos, permanecemos na espera para compreender; compreenderemos no tempo posterior, em que aparece a luz” (p. 19). A posição siderada, para ele, precede o ato de tomada da palavra e pode comparecer diversas vezes em um percurso analítico.

Já o vocábulo desiderium (traduzido por desejo no português) opera como negação do termo anterior. O desejo é o que nega a sideração, o que des-sidera. Se considerar é ver e siderar-se é ficar paralisado pela presença do astro, dessiderar seria deixar de ver, constatar sua ausência. É somente a partir daí que se torna possível concluir pela noção de desejo como busca (do astro-referente).

O dessiderado, então, é aquele que não está mais orientado por aquilo que governava seu destino (poderíamos acrescentar, pela ilusão de compreender o significante do desejo do Outro). Se desejar implica a perda visual do referente, significa também que a partir desta ausência somos convocados a inventar, preencher, criar o que não está escrito nos céus.

Nesse diálogo com a etimologia, fica mais evidente a relação: sedução e desejo causam o movimento, enquanto a fascinação e a sideração detêm o movimento. É também a linha que talvez marque com melhor clareza a separação entre a psicanálise e a hipnose. Uma análise necessariamente des-fascina. Ou, como diz Lacan na penúltima aula do seminário em debate: ela ajuda a dissipar alguns dos efeitos da sombra (p. 363).

Desambiguada da ideia de colagem, habilitamos a sedução como um acontecimento de deslocamento dentro do terreno da linguagem, estimulada por uma promessa de saber que traria deleite ao falante. Mas qual espécie de saber teria tal apelo de mobilização?

Vocês estarão bem orientados se tiverem associado a esta pergunta os desenvolvimentos da décima lição do seminário: o ágalma. Toda sedução faz reluzir o ágalma, e reanima a promessa de algum saber sobre esse objeto furtivo.

A sedução em Lacan

Quanto ao diálogo a que me proponho, há algumas questões que precisam ser organizadas. Quando recorre ao termo sedução, Lacan faz um uso que eu proporia criticar, ou pelo menos retificar quanto à sua riqueza de significação. É claro, podemos conceder a Lacan o esforço para ser rigoroso quanto ao lugar do analista na cena transferencial. Não digo que Lacan não valorize o efeito de sedução na operação analítica, mas que o fez sem servir-se deste nome e seu campo de significação².

No desenvolvimento a seguir, me esforço por recuperar algumas dessas possibilidades de leitura, dando especial ênfase à articulação construída em torno da ideia de desejo do analista.

Lacan é suficientemente contundente quanto aos cuidados que o analista precisa considerar para evitar alguns efeitos de colagem que suas intervenções podem acarretar em seu analisante. Sabemos que, a princípio, não é este o efeito principal visado para uma análise. Se a intervenção de um analista consistir demais um objeto ou fixar um desejo, detendo o movimento de invenção (e de angústia) em jogo, isto trabalharia contra a potência que a sedução visa tornar disponível ao jogo do desejo.

A entrada na transferência e o desejo de analista

Seriam vários os pontos de contato possíveis entre a sedução tal como a articulo e o seminário da transferência: assim como a sedução, o termo ao qual Freud recorreu para falar deste fenômeno (no caso, derivada do alemão: *Übertragung*) também se serve da ideia de transporte, associado ainda às ideias de transmissão e contágio. O analisante é transportado, na medida em que é instigado por uma questão sobre o desejo do Outro, desejo esse sob a forma de objeto que, por estrutura, o causa como sujeito.

Mas há uma outra leitura que se aproximaria da analogia com a sedução, e que reside na operação central destacada por Lacan no seminário VIII: o milagre pelo qual uma mudança de posição pode se dar. Neste acontecimento chamado amor, um sujeito em posição de amado poderia passar a ocupar a posição de amante.

² Aliás, uma curiosidade: este seminário é o momento onde Lacan mais fez uso da palavra sedução (são 14 ao todo), ainda que a tenha empregado de forma indiscriminada, sem precisar seus sentidos, que são distintos ao longo do texto. Ora a utiliza como cumplicidade intersubjetiva, ora como enganação, ora como efeito de captura, ora como objetificação do outro, etc.

Podem procurar: em diversos momentos, Lacan refere-se à necessidade de um desvio para que isso se produza. É preciso que o analisante seja seduzido, isto é, deslocado de um ponto a outro, para que essa mutação tenha lugar. Por exemplo, quando diz: Não que o acesso ao inconsciente “seja acessível aos homens de boa vontade – ele não o é. É em condições estritamente limitadas que se pode alcançá-lo, por um desvio, o desvio do Outro” (p. 184).

O que se está colocando em questão é justamente um modo de ler a análise como tentativa de agenciar estes efeitos de sedução, de emprestar-lhe uma lógica consequente que considere o campo erótico e sua força de transporte consubstancial. O desejo do analista é a forma de Lacan fazer da sedução um instrumento operante mediante um tratamento de si operado pelo clínico.

Ao longo do seminário, Lacan, pouco a pouco, fornece os fragmentos com os quais podemos tecer esse operador como modo de responder adequadamente à transferência. Apresento a seguir algumas passagens de seu seminário com as quais ele compõe o desejo do analista:

- 1) O analista é aquele que traz uma cicatriz de castração em seu Eros (p. 109). Em outro momento, diz que o analista deverá ter operado uma mutação em sua economia de desejo. (p. 187)
- 2) O analista deve ocupar uma posição tal que permita ao sujeito se engajar com a questão: “O que ele quer?”. (p. 181)
- 3) O lugar que seria o do seu ser, o analista deve oferecer vago ao desejo do paciente. (p. 109). Trata-se do mesmo lugar onde é convocado o significante do desejo do Outro, para que o sujeito testemunhe aí esse significante faltoso por estrutura (p. 264).
- 4) O analista deve estar advertido para sustentar uma triplicidade no campo do desejo: o amado, o amante e algo mais, referência ao Outro, com o qual o desejo sustenta o mais íntimo enlaçamento. (p. 140)
- 5) O analista não é alguém que traria qualquer elucidação exaustiva de seu próprio inconsciente, mas aquele que fez desse uma experiência irreduzível (p. 184).
- 6) O analista deve estar possuído por um desejo mais forte que o desejo de amar ou ser amado por seu paciente. (p. 187). Também, deve visar escamotear a si mesmo na relação com o outro de qualquer suposição de ser desejável. (p. 356)

- 7) Para isso, Lacan indica que convém ao analista ter sempre ao alcance um pequeno desejo bem provido³ (p. 358), para não arriscar colocar sua angústia na condução do tratamento, devendo recusá-la ao analisante (p. 354).
- 8) Convém que o analista não compreenda, que coloque em xeque sua compreensão sobre o desejo do paciente, já que é somente na medida em que ele não sabe o que o analisante deseja, que estará em posição de ter em si o objeto do desejo em causa. (p. 195). Vale o grifo: não é o saber que seduz, é a distância que sustenta uma promessa de encontro com ele.
- 9) O analista deverá operar primordialmente no registro da *Versagung*, a recusa de que fala na lição 22 (p. 314).
- 10) O analista deverá desalojar o analisante do arranjo pelo qual este dá ao analista a posição de ideal do eu. (p. 322) e para isso, o analista deve também ausentar-se de todo ideal do analista (p. 371).
- 11) É preciso que o analista esteja advertido – esforço que pressupõe a realização de um luto – de que não há objeto (do desejo) que tenha maior preço que o outro (p. 381).

A grande maioria destas indicações parece alinhada à importância do analista não ocupar um lugar fascinante, hipnótico para seu analisante. O lugar vazio que Lacan exorta a que o analista preserve é o ponto que possibilitaria que o movimento desejante comece a operar, resistindo à tentação de consistir uma resposta (pela via da compreensão, ou das armadilhas do belo, do bem e dos ideais) que colocaria fim à questão aberta pelo desejo. Jean Allouch redigiu um belo livro para desdobrar essa leitura, pela qual chamou o fundamento de uma análise de uma “erotologia de passagem”.

³ Aqui uma pergunta mereceria ser formulada: Lacan não se arrisca a nenhum exemplo. Se esse desejo bem provido pode ser acumular dinheiro, ser reconhecido por seus pares, fazer churrasco aos finais de semana, ter aulas de violão ou fazer passeios de barco, por exemplo, é algo que nos caberia especular. Se, como dirá depois, um objeto vale tanto quanto qualquer outro, o que mais poderia ser dito para caracterizar este “desejo bem provido”? O que podemos supor é que não se trata tanto de esperar de um analista que seja um puro ou um santo, como afirmou, mas que consiga pelo menos sustentar uma separação pela qual suas demandas narcísicas possam não entrar no cômputo do manejo da transferência junto a seu analisante.

Concluir para abrir

Há uma frase inquietante na primeira lição do Seminário: Lacan diz que, a princípio, o analista deverá evitar toda atitude que se preste à sedução. No entanto, logo em seguida, faz o justo reconhecimento de que isso pode não depender inteiramente dele. Ou seja, para além de qualquer intencionalidade, um analista deve estar atento e aberto a poder ler o efeito e o alcance que suas palavras e sua presença têm para o analisante (o que Lacan seguirá refinando até o fim de seu ensino). Não se trata tanto de querer ou não seduzir, mas de não obstruir a produção feita ao redor deste efeito.

De todo modo, esta seria uma questão rica para ser recolocada no debate em nosso campo: embora, desde Freud, dedique-se um esforço para separar a análise da hipnose, da sugestão e das seduições sexuais dos analistas, isso não significa jogar a sedução fora com a água do banho. É o caso de dizer que não apenas a sedução é índice de avanço do trabalho, como se trataria de poder melhor debatê-la para que o analista possa servir-se dela no jogo analítico. Diria que é este um dos pontos de maior embaraço para os analistas: o de não recuar de operar com a sedução. É como na célebre exortação freudiana: “após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos”, seria imprudente “mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta”.

Há outra questão: se o analisante é ‘seduzido’ durante uma análise, isso significa que o analista é seu sedutor? É o analista quem seduz? Para os autores que trabalharam este tema dentro do campo analítico, a resposta é: não. O que seduz é a estrutura da linguagem, da qual o analista inevitavelmente haverá de tomar um partido. O analista é aquele que se empresta a encarnar o suporte de algo que está para além dele: a sedução não depende de seus atributos físicos ou de seu repertório de saber, mas de como ele aceita jogar com os ardis do inconsciente, munido desse instrumento chamado desejo de analista, o que implica em incluir o inantecipável.

Uma última notação por hoje: é que, se tanto Sócrates como o analista se recusam a ocupar a posição de amável, nem por isso uma análise propõe que aquele que opera a mutação de sua posição – o analisante – não possa jogar e circular por ambos os lugares: amante e amado. Para além dos limites do setting analítico, ocupar a posição de desejo não implicará em recusar-se a ocupar a posição de objeto do outro, mas de poder fazer

DE PAULA, Laerte. O desejo do psicanalista: uma operação de sedução. **Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise**. Apresentação Oral nas Jornadas do Instituto VOX, sobre o Seminário 8 de Lacan – 8-21/março/2022.

dessa alternância um novo jogo menos cristalizado, menos escandalizado, mais aberto à contingência e à ignorância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, Jean. *A psicanálise: uma erotologia de passagem*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

BÍBLIA. Versão online da Bíblia. Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/tb/gn/3>>.

DIDIER-WEILL, Alain. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine – Histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial. In: *Obras Completas*, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOMERO. *Odisseia*. Trad.: Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LACAN, Jacques. *O seminário VIII – A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad.: José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.